

ENTREVISTA «»

Publicamos no presente número de nosso jornal algumas informações referentes à aposentadoria do nosso mais antigo professor, senhor Guilherme Butler. Como alguns membros do corpo de redatores sugerissem que seria apropriado publicássemos, nesta ocasião, também algumas palavras diretas do jubilado, procuramos, três de nós, numa noite, o velho mestre na sua residência, para lhe participar o nosso desejo. Encontramos o conhecido educador habitando uma casa ornada de livros, instrumentos de música, pinturas e várias curiosidades adquiridas durante viagens pelo Brasil e outros países. Neste lar culto passamos várias horas em agradável palestra com o chefe da casa e sua esposa, dona Martha Butler. A filha do casal, nossa antiga colega senhorita Helen, tinha saído para tocar numa orquestra. Quando participamos o objetivo da nossa visita, o bondoso hospedeiro ofereceu-se a responder quaisquer perguntas que lhe quiséssemos fazer. Eis algumas das nossas perguntas com as respectivas respostas do professor:

— Tem o senhor saudades do Colégio?

— Muitas. Fôrça do hábito. Dizem que até os sentenciados, depois de terem passado trinta anos na cadeia, querem voltar para o mesmo lugar. Mas, além da fôrça do hábito, tenho saudades do Colégio por causa do convívio enobrecedor com ilustres colegas e juventude idealista e radiante. E quando penso no novo e suntuoso palácio, acho que os professores poderiam trabalhar ali até de graça pelo simples privilégio de gozar os seus benefícios.

— Tem algumas sugestões quanto ao aperfeiçoamento do nosso Colégio?

— Penso que os estudantes deviam organizar o mais cedo possível um côro e um conjunto dramático. A influência destas atividades seria de grande proveito tanto para os estudantes como para o público, e a utilidade do teatro do Colégio seria multiplicada.

— Como passa o senhor os seus dias e qual o seu estudo predileto?

— Como na ocasião da minha aposentadoria não me sentisse inteiramente incapacitado, pensei que devia continuar trabalhando ainda por algum tempo na minha profissão; mas descobri que os meus setenta anos de idade me tinham fechado tôdas as portas em que bati. Procuro, todavia, conformar-me com

a minha situação. Acho que é justo que uma pessoa que trabalhou numa profissão cinqüenta anos pare e comece a pensar em outras coisas. Ocupo-me, presentemente, estudando e trabalhando na horta e no pomar, esperando que, talvez, no futuro encontre algum trabalho condizente com as minhas fôrças e capacidade. Faço também pequenas excursões nos arrabaldes de Curitiba. A sua influência sobre o corpo e a alma é extraordinariamente benéfica. Quanto aos meus estudos prediletos, são eles a filosofia e a geografia. Sou também grande apreciador de novelas e de poesia.

— O senhor conhece o Brasil. Pretende publicar alguma obra sobre a sua terra adotiva?

— Tenho publicado em vários jornais e revistas grande número de artigos com as observações que fiz e impressões que recebi durante as minhas viagens pelo Brasil. Pensava em resumir alguns deles e publicar em forma permanente. Agora, contudo, cheguei à conclusão

que, devido ao alto custo do papel e da impressão e também ao fato de alguns dos meus dados já não corresponderem mais à atualidade, talvez seja aconselhável desistir do propósito. Todavia, quero ainda consultar os entendidos nesta matéria.

Falando dêste assunto devo mencionar o fato de que, há pouco tempo, tive uma agradável surpresa. O Clube Curitibano informou-me que desejava publicar na sua revista algumas das minhas descrições das maravilhosas belezas naturais do Brasil. Com grande prazer agradei esta distinção. Os antigos gregos costumavam dizer que, para um homem poder dizer que teve uma vida completa, deve ele pelo menos ter tido um filho, plantado uma árvore e publicado um livro. Quanto a mim, já estou em dia com todos êstes requisitos, pois já plantei muitas árvores e tive filhos e publiquei vários livros.

— Desejariamos saber se o professor costuma ler a literatura brasileira.

— Desde que cheguei ao Brasil, comecei a ler obras de autores brasileiros: novelas, poesia, história, obras científicas e jornais, e confesso que para minha instrução e distração e aperfeiçoamento de meus sentimentos artísticos muito recebi desta fonte. A mais linda história na literatura brasileira, para mim, é "Inocência" de Taunay. Quando percorri as plagas onde se desenro-

lavam os acontecimentos descritos na novela quase chorei de emoção. Penso que os "Sertões" de Euclides da Cunha é a mais importante obra científica escrita em língua portuguesa na América do Sul. Gonçalves Dias é o meu poeta predileto. Aprecio-o muito por causa da sua heróica defesa dos nossos indefesos indígenas. Estive já três vezes na cidade de São Luís, e lá sempre passei horas na Praça das Palmeiras, sentado ao pé do monumento do poeta, meditando na vida e obra dêste grande homem.

— Qual a sua opinião sôbre os nossos métodos de ensino e sôbre os estudantes brasileiros em comparação com os norte-americanos?

— Os estudantes brasileiros são tão inteligentes quanto os americanos. Quanto à proporção de estudantes brilhantes, penso que a mesma é maior entre os brasileiros do que entre os americanos. O ensino americano é mais prático do que o nosso. Já no meu tempo de ginasiano, o estudo de física, química, biologia e até geologia foi mais prático do que teórico. Quanto ao ensino de línguas estrangeiras, ninguém podia ensiná-las sem primeiro passar pelo menos um ano no país cuja língua queria ensinar, e assim adquirir a verdadeira pronúncia.

— Qual a sua opinião acêrca do Estado do Parná e de seu futuro?

— Tenho percorrido o nosso Estado desde o extremo norte até o extremo sul e desde o leste até o oeste e conheço a maioria dos municípios. Na minha opinião o Estado do Paraná, quanto ao clima e à uberdade do solo, é um dos mais privilegiados Estados do Brasil, e as possibilidades para o seu desenvolvimento são as mais promissoras. Felizes aquêles que fixaram a tenda de seu trabalho nesta bendita terra!

— Dizem que anos atrás, num jornal de Curitiba, apareceu uma fotografia representando o senhor ao lado de uma linda índiazinha. Poderá dizer-nos em que condições fôra tirada a fotografia, e se o senhor tem idéia própria quanto à civilização dos nossos selvagens?

— A fotografia publicada no Diário da Tarde foi tirada por ocasião da visita que fiz a um aldeamento de índios meio-civilizados em Goiás, nas margens do rio Araguaia. Foi uma tribo dos carajás que subsistem de pesca e agricultura. Tenho encontrado índios meio-civilizados no Amazonas, em Mato Grosso e em

Goiás, mas, com as tribos selvagens não consegui entrar em contacto. O melhor método para civilizar os nossos selvagens é o método que o general Rondon aconselha: bondade e paciência. Mas acho que este trabalho de atrair e civilizar as tribos errantes e perigosas devia ser atacado com mais assiduidade.

— Qual a classe dos profissionais mais necessária ao Brasil na época presente?

— A vossa pergunta faz-me lembrar de uma palestra que uma vez tive com um senhor gaúcho. Fomos companheiros de viagem num vapor do Lloyd Brasileiro. Este senhor voltava dos Estados Unidos para morrer na pátria. Sofria ele da mesma doença de que sofre o doutor Napoleão Laureano. Falando da prosperidade dos Estados Unidos da América do Norte, disse-me que atribuía a mesma ao grande número de engenheiros e ao reduzido número de advogados naquele país. E o atraso do Brasil, disse ele, é devido ao seu pequeno número de engenheiros e número demasiado de advogados. Não subscrevo este parecer quanto aos advogados, mas estou em pleno acôrdo com o que ele disse dos engenheiros.

O Brasil tem ainda muitas montanhas para serem furadas e muitos rios que precisam de pontes a-fim de tornar a terra acessível ao cultivador. A grande necessidade de engenheiros é inegável. Mas penso que na época presente o Brasil precisa mais urgentemente de pessoas que tenham coragem de amanhar a terra, semear e criar gado. Produzir, produzir abundantemente, é a nossa

grande necessidade. O presidente Vargas disse em seu primeiro discurso, que todos queremos o nosso quinhão aumentado na distribuição dos bens, mas que temos pouco para dividir. Daí a necessidade de produzir mais. Produção abundante é também o único meio para acabar com as explorações do povo e o câmbio negro. Francamente, se fôsse moço, iria virar terra e semear a semente no grande Estado de Goiás, na região do Araguaia, que tanto me impressionou.

— O senhor permitirá mais uma pergunta pessoal? Gostaria, se fôsse possível, de repetir sua carreira educacional?

— Não; isto é, nas mesmas condições. Contudo, se pudesse começar a vida de novo com os conhecimentos e as experiências que posuo hoje, fá-lo-ia de bom grado. Neste caso cometeria menos erros e o resultado alcançado seria mais satisfatório. Descobri que errei mais pela ignorância do que voluntariamente, e penso que isto acontece com a maioria dos homens. Quanto a proporção de sensações agradáveis e desagradáveis, também penso que todos temos mais tristezas na vida que sensações de prazer. Contudo, não quero afirmar que cheguei à conclusão de que a minha vida não valia a pena ser vivida. Pelo contrário, no decurso da minha existência, tive muitos momentos de grande satisfação e felicidade. A minha maior aspiração agora é de, no fim da vida, poder dizer ao meu Criador com São João Crisóstomo: "Tu, Senhor, foste justo e bom. Louvado seja o Teu santo Nome"!